

## MADAME MACHADO

Eduardo Stotz

Convocado pelos sinos da missa de domingo, o povo ia se ajuntando pelos caminhos. Na mercearia do Tinoco, o pinguço saudava as pessoas, mas ninguém se importava com ele. Avistei, no outro lado da rua, um grupo de mulheres. Ao passar, peguei um fio da conversa. Eram três mulheres e um menino, na soleira de um portão, a dirigir-se a uma quarta que aqui eu chamo de vizinha. Falava o menino:

- *A gente veio aqui prá falar do livro da morte com a senhora.*

A vizinha, estarecida, retrucou:

- *Deus me livre!*

Mas aí foi aquela gargalhada geral, pois a *decoreba* do menino tinha sido muito mal feita. A risada frouxa e ruidosa abafava as badaladas vindas da capela do Imaculado Coração de Maria. A mãe do menino, contrariada, ficou séria, esperando as outras sacudirem-se do riso. Então disse:

- *Fala prá ela, Josué, que o livro sagrado trata da verdadeira vida, aquela que vem depois da morte.* Enquanto falava, não viu, pois os olhos dela eram todos para o Josué, desejando a correção da fala e o restabelecimento da prédica, ela não viu a vizinha persignando-se, o corpo e a mente fechando-se no sinal da cruz.

Essas pregações, pensei, são variadas, conforme o credo. Enquanto as mulheres lá fora falavam dos desígnios divinos a seu modo, na capela da igreja católica, onde adentrei, um padre jovem, negro, cheio de verve, o microfone sem fio preso na lapela, predicava, os braços agitados. A agitação dele era contrastada pela imobilidade, do outro padre, branco, mais parecia uma estátua contemplando uma obra infinita. Ouvia certamente o sermão do outro padre que dizia:

- *...e Jesus iniciou a pregação, disse Marcos no seu evangelho, pela Galiléia, terra de gente simples mas ele não falou apenas para os simples (...) e terminou ali, na mesma Galiléia. A sua palavra trouxe paz, justiça, amor e fraternidade ao coração dos homens, desde então.*

Eu pensei: há aqui entre estes dois padres uma relação de controle. Depois da missa, tomei o rumo da mercearia. Lá, próxima ao balcão, uma senhora gorda bebia água. Cumprimentei a todos (o pinguço dormia encostado num

saco de batatas, num canto da sala) e puxei conversa em torno do dia quente que fazia. Depois de ouvir o lacônico *está mesmo*, disse que tinha vindo conhecer o local e assistira à missa; que tinha gostado. É, foi um sermão muito bonito, a do padre. Então aproveitei a oportunidade para perguntar-lhe sobre os dois padres. Ela respondeu que o padre oficial estava de férias e que o negro tinha vindo substituí-lo, pediu licença, deu bom dia e afastou-se.

As pessoas de fora, os estranhos como eu, certamente são vistos com desconfiança. Saí da mercearia e pus-me a andar pelas redondezas. Acabei no alto do morro da localidade, onde fica o posto de saúde. Estava fechado. Na casa em frente, apoiada no muro sob a sombra de uma amendoeira, uma jovem mãe acalentava seu bebê.

Perguntei-lhe se o posto funcionava, ela disse que sim; *o posto tem médico?* respondeu *tem uma médica; e o atendimento é bom?* Aí ela fechou-se: *não sei, eu não uso.*

Talvez os mais pobres da comunidade de Madame Machado, esse bairro popular próximo a Itaipava, não tenham esse receio de falar, pensei. Bem, pelo menos é o que depreendi da conversa franca que eu ouvi no ponto de ônibus, mais tarde, entre duas mulheres. Elas não pareciam importar-se com a minha presença.

- *Hoje eu não tenho o que comer*, disse a mulher mais idosa, mulata de cabelos ralos, esbranquiçados. Os olhos eram cor de mel. Não chorava, mas a frase era um lamento e um pedido de ajuda.

A outra, um pouco mais moça talvez, não dava para saber por causa do lenço na cabeça, respondeu ao apelo:

- *Deus que me perdoe. A gente é pobre. A gente precisa. Mas se não precisasse...*

Falou mais alguma coisa que eu perdi por causa do ruído de um caminhão que passou na estrada.

- *...Hoje às seis, a senhora vem lá em casa. Espera eu chegar. Depois da oração eu levo a senhora lá, eles dão a quem está precisado.*

Como que percebendo a oportunidade, a primeira continuou na queixa da vida:

- *É que eu moro sozinha lá no meu barraco...*

Fez-se um breve silêncio. O sol forte dificultava o raciocínio, parecia que o pensamento ia desgarrando-se da cabeça com o zunido das cigarras.

- *Os meus filhos, graças a Deus, estão todos criados* - arrematou a explicação.

A outra pegou o fio da conversa:

- *Os meus também, todos na casa deles. Mas o meu homem é ruim, nem um grão de arroz dá. Pior é o filho, me maltrata à toa.*

- *Ah, eu prefiro ficar sozinha...*

- *A minha filha, ela me ajudou quando eu saí do hospital e precisei do remédio...*

Nisso veio o ônibus. Ela despediu-se da outra às pressas. Também entrei no ônibus.

Aquela outra mais idosa ficou ali plantada no ponto do ônibus, não sei bem à espera do que. O seu vulto miúdo e magro foi ficando distante, até que a perdi de vista. Numa curva (o ônibus diminuiu a velocidade) avistei um homem com uma gaiola. Na gaiola, um passarinho. No passarinho, um trinado. No trinado, a saudade de uma liberdade talvez desconhecida.